FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO, DE 2022 - 19H00

“Vidas Sem Rumo”, de Manuel Guimarães (1956)

Realização: Manuel Guimarães; Assistente de realização: Teixeira da Fonseca, Manuel Ruas, Dórdio Guimarães; Assistente geral: Fernando Ducla Soares; Argumento: Manuel Guimarães a partir da novela “Pardal & Cª” de Manuel Guimarães; Diálogos: Alves Redol; Planificação: Manuel Guimarães; Direcção de fotografia: Aquilino Mendes; Cenários: Manuel Lima; Música das canções: Fernando de Carvalho; Montagem: Manuel Guimarães, Noémia Malveira; Som: Augusto Lopes; Produção: Manuel Guimarães; Direcção de produção: Carlos de Arbués; Produção: Prófilme

Com Milú, Eugénio Salvador, Artur Semedo, Madalena Sotto, Jacinto Ramos, Manuel Correia, Maria Olguim, Luís Filipe, José Vítor, Jaime Zenóglio, Viana de Almeida, Berta Fernandes, Artur Rodrigues, Dórdio Guimarães, Fernando Isidro, Almeida Santos, Maria Albergaria

Duração: 73 minutos; Estreia: Trindade, 12 de Setembro de 1956

“Vidas Sem Rumo” de Manuel Guimarães

A acção é introduzida pela voz de um narrador, o jornalista que se apresenta diante da câmara e se dirige, olhos nos olhos, ao espectador, num curioso procedimento de interpelação. Ainda hoje invulgar em cinema, este dispositivo cria uma inevitável estranheza, apresentando-se como encenação de uma espécie de ficção documental. O jornalista mostra-nos uma notícia impressa — «Vítima de acidente numa passagem de nível» — e começa a contar como, apenas 48 horas antes, se deparara com as personagens desta história que iremos seguir, junto com ele, discreto observador que por vezes completa a acção com alguma informação.

O «drama sem história» que irá contar, adverte o jornalista narrador (Jacinto Ramos), é real, embora seja «possível que ao contá-lo ponha nele algo da minha imaginação»; dimensão poética que vem acordar-se com o tom adoptado no texto introdutório ouvido («Há mastros que parecem suplicar, outros abrem os braços para o sol»). Esta visão poético-sentimental é a que, por outras formas, virá a prevalecer como visão do realizador.

A história que se esconde nas três linhas de uma menção jornalística é a de uma gente pobre e sem esperança, que não corresponde em nada aos clichés do retrato de cidade activa e trabalhadora que as banais imagens iniciais nos deram. Vidas sem Rumo intenta um retrato aprofundado de uma população urbana até então quase ausente do cinema — pela escolha das personagens mais marginais de entre os marginais: vadios, pedintes, estivadores, aleijados, velhos, negros, contrabandistas, prostitutas, varinas, etc.

Nesta escolha de personagens revela-se um partipris, um interesse declarado pelo mundo dos miseráveis, os «injustiçados» da vida, poderia dizer-se, com a ressalva de que neste olhar não há qualquer visão justiceira, nem sequer uma acusação implícita à injustiça social. O filme — através do olhar compassivo do narrador, alter-ego do realizador — constata, observa, compreende, mas não tira conclusões. Nesse movimento de compreensão e aproximação às personagens, o realizador, o jornalista, e igualmente o espectador, suspendem juízos de moralidade.

A história de um crime involuntário e uma morte acidental conta-se aqui na forma de film noir sentimental e triste, pois essa é a sua marca étnica portuguesa. A cena do suicídio foi uma das muitas que a Censura cortou, chegando a mutilar quase metade do filme. Isto bastava já para fazer dele uma obra máxima do período negro do cinema português (de que ressurge em 1956, após o ano zero de 1955'), não fora o heroísmo de ter sido proibido e refilmado uma prova de resistência artística única em toda a história do nosso cinema.

Leonor Areal in “Manuel Guimarães Sonhador Indómito”